

# REARTICULAÇÕES E RENEGOCIAÇÕES DOS PAPÉIS DE GÊNERO NO ROMANCE ASIÁTICO CANADENSE DE GURJINDER BASRAN

## REARTICULATIONS AND RENEGOTIATIONS OF GENDER ROLES IN THE ASIAN CANADIAN NOVEL BY GURJINDER BASRAN

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v19n1p58-63

### Resumo

Os diversos papéis legados a gerações de mulheres adquire releituras à medida que as relações de poder entre o masculino e o feminino são revistas à luz das diásporas contemporâneas. Com o advento de tempos líquidos (BAUMAN, 2007) povoado por deslocamentos e desenraizamentos, a escrita migrante de mulheres torna-se foco e se volta a uma prática para verificar os discursos constituintes da história, de suas representações e convenções instituídas pelos grupos hegemônicos, marcadamente brancos e masculinos, no intuito de detectar as possibilidades discursivas e sociais de grupos até então oprimidos por diversas razões. Observando, então, mais de perto a condição de mulheres migrantes, parte da chamada minoria visível em território canadense, nosso trabalho se volta para uma releitura da posição feminina dentro do contexto indo-canadense, no romance da escritora, Gurjinder Basran, intitulado *Everything Was Good-Bye* (2010). No romance de Basran, verificamos que o núcleo familiar sul asiático tem por estrutura o patriarcalismo, e seus componentes, por sua vez, são agentes de socialização e transmissão da tradição; entretanto, as disparidades dos encontros culturais promovem releituras e adaptações dos papéis femininos. Desse modo, as questões de gênero abordadas no romance se dão para além do binarismo instituído pelo patriarcado, englobando a pluralidade feminina de todas as classes sociais; trata-se aqui de relações sociais que, na contemporaneidade, abordam e lidam com as diferenças entre as mulheres, seres plurais, que nesta multiplicidade inventam e se reinventam como sujeitos sociais.

**Palavras-chave:** Gênero. Asiático canadense. Diáspora.

### Abstract

A range of social roles that were historically passed on to a generation of women can be read from new perspectives as the power relations between male and female are reviewed from the perspective of contemporary diasporas. With the advent of the so-called liquid times (BAUMAN, 2007), full of displacements and rootlessness, migrant women's writing becomes the focus that turns to a practice to verify the constituents discourses of history, its representations and conventions established by hegemonic groups, notably white and male, in order to detect the communicative and social possibilities of groups oppressed for many reasons. Observing more closely migrant women's conditions, part of the visible minority in Canadian territory, our paper develops a re-reading of women's position inside the indo-Canadian context in the novel titled *Everything Was Good-Bye* (2010), by Gurjinder Basran. In the novel, we verify that the south Asian family nucleus has its organization based on patriarchy, and its components are agents of socialization and tradition dissemination; however, the disparities of cultural encounters encourage re-readings and adaptations of female roles. Thus, gender questions approached in the novel go beyond the binarism developed by patriarchalism, including female plurality seen in all social classes; these are social relations that in contemporaneity, address and deal with differences between women, plural beings, whom in this plurality invent and reinvent themselves as social subjects.

**Keywords:** Gender. Asian Canadian. Diaspora.

---

**Maria do Rosário S. Leite**

(IFPB – Brasil). Doutora em Literatura e Cultura (PPGL/UFPB), sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Liane Schneider.

E-mail: rosarioteite@uol.com.br

*I don't think we need to fear a loss of specificity, of our selves, in a vast sea of abstraction or generalities controlled by others. If we can frame our critique and create organizations that challenge patriarchy, heterosexism, class, and 'race' with even a semblance of integrity, we will create the bases for an embodied, social revolution.*

Himani Bannerji

Os diversos papéis legados a gerações de mulheres adquire releituras à medida que as relações de poder entre o masculino e o feminino são revistas à luz das diásporas contemporâneas. Com o advento de tempos líquidos (BAUMAN, 2007) povoado por deslocamentos e desenraizamentos, a escrita migrante de mulheres torna-se foco e se volta a uma prática para verificar os discursos constituintes da história, de suas representações e convenções instituídas pelos grupos hegemônicos, marcadamente brancos e masculinos, no intuito de detectar as possibilidades discursivas e sociais de grupos até então oprimidos por diversas razões. Nesta busca por um sujeito desprovido de uma imagem “real”, é que a crítica contemporânea reflete sobre as narrativas, não em busca apenas das diferenças, mas de uma diferença identitária, seja em relatos pessoais ou culturais; ou seja, avança-se da concepção do papel social da mulher (sua função) para a concepção de sua identidade (o seu significado) dentro do contexto social. Para tal, as questões de gênero vão além do binarismo instituído pelo patriarcado, englobando a pluralidade feminina de todas as classes sociais; trata-se aqui de relações sociais que, na contemporaneidade, abordam e lidam com as diferenças entre as mulheres, seres plurais, que nesta multiplicidade inventam e se reinventam como sujeitos sociais.

A Mulher – e a experiência – não podem ser mais vistas como entidades homogêneas e empíricas, mas como categorias discursivas historicamente construídas e permeadas por diversos vetores diferenciais. De um discurso sobre a igualdade nos deslocamos para a defesa da pluralidade e para a tentativa de embasarmos, empírica e teoricamente, uma epistemologia da diferença. (COSTA, 1996: 52)

Assim, a crítica feminista se tornaria um lugar de revalorização e de contestação, e, segundo afirma Susana Bornéo Funck (1994: 18-19), poderíamos encará-la, em primeiro lugar, “como disciplina intelectual e acadêmica [...] que se preocupou em desmascarar a misoginia da prática literária”; em segundo lugar, ela se concentra “na re-descoberta e na investigação de uma literatura feita por mulheres” e, por fim, através dela, quebram-se as fronteiras culturais, enfatizando “a análise da construção do gênero e da sexualidade dentro do discurso literário”. De modo que a escrita representaria, para a mulher, a possibilidade de

reinvenção de si mesma e de desconstrução dos estereótipos anteriormente impostos, tornando-se, portanto, um locus de contestação e mudança de valores.

Obviamente os conceitos de mulher e gênero vêm dialogando em estudos acadêmicos de cunho feminista. Não obstante, segue-se a desconstrução dos códigos universalizantes, em contestação aos moldes femininos de outrora, que apontam para a apresentação das diversas facetas femininas, elucidando os fatores sociais imbuídos pelo patriarcado e suas modificações a cada momento histórico. Portanto, vale mencionar que a desconstrução assim como o gênero tornaram-se ferramentas essenciais ao feminismo contemporâneo:

*Gender*, isto é, as relações entre os sexos, vistos não como algo inscrito na eternidade de uma natureza inacessível, mas como produtos de uma construção social que é importante, justamente, desconstruir. (DUBY & PERROT, 1990: 14)

Nesse sentido, a crescente produção correspondente a literatura asiático-canadense se destaca pela rearticulação dos papéis sociais de mulheres pertencentes a culturas tradicionais e que são acometidas pelas intempéries das diásporas contemporâneas. Seja pelo viés autobiográfico, auto etnográfico, pelo romance de formação étnico (*Bildungsroman*) as narrativas vem desenvolvendo por meio de um deslocamento que gradativamente se (des)articula de um discurso étnico e ruma para o racial e sociocultural e vice versa; essa literatura repensa, deste modo, as conexões entre a história dos povos migrantes, seus descendentes e a consequente e crescente diversificação demográfica, entrelaçando-os as novas correntes de inclusão movente e transnacional. É, então, sob os esforços coletivos de uma gama étnica que a presença desses povos nas letras canadenses remapeiam as margens e ganham espaço crescendo dentro da crítica especializada. Nas palavras de Roy Miki (2000: 53) “O asiático-canadense torna-se então um assunto localizado – de pesquisa, produção cultural e interrogatório – situado numa faca de dois gumes: onde as relações de dominação ameaçam se remobilizar (da mesma maneira) ou onde os críticos da nação podem postular futuras metodologias de resistência e formações coletivas”<sup>1</sup>. A persistência de escritores como Joy Kogawa, Michael Ondaatje, Neil Bissoondath, Sunita Namjoshi, Rienzi Crusz, Bharati Mukherjee, Roy Miki, Richard Fung, M. G. Vassaji, em reportar no imaginário contemporâneo a exclusão étnico-racial, representativos, não apenas de uma história, mas da formação demográfica canadense, refletindo acerca do ressoar das vozes de milhares antes silenciadas, mobilizando assim os laços de pertencimento

<sup>1</sup> “Asian Canadian then becomes both a localized subject – of research, cultural production, interrogation – and a double-edged site: where relations of dominance threaten to be remobilized (more of the same), or where critiques of the nation can posit future methodologies of resistance and collective formations”.

e suas renegociações, são seguidos por alguns escritores a exemplo de Wayson Chon e seu romance *All that Matters* (2004), Fred Wah com *Is a door* (2009), Madeleine Thien com *Simple Recipes* (2001) e *Certainty* (2007), Ranj Dhaliwal com *Daaku* (2006), Larissa Lai com *Salt Fish Girl* (2002), entre outros que auxiliam no estabelecimento de um novo cenário para os estudos literários asiático-canadenses, “esses escritores salientam a fluidez, mobilidade e múltiplas passagens ao invés de identidades raciais fixas e estáveis. Lares e eus são geralmente mais do que um único” (DOMÍNGUEZ et al, 2011: 143)<sup>2</sup>. Nessa perspectiva, a cambiante cena literária contestadora de um lugar, de pertencimentos, de identidades, numa nova ordem transcultural, desloca as ortodoxias de outrora para reavaliar e dispor o aqueduto de histórias anteriormente desviadas do fluxo principal. Desse modo, conforme assertiva de Teresa de Lauretis (1994: 210-211) “o gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer; assim, o gênero atribui a uma entidade, digamos a uma pessoa, certa posição dentro de uma classe”, desta forma, as relações de gênero tornam propícias a revisão dos conteúdos culturais impostos segundo valores e hierarquias sociais que na contemporaneidade se encontram em constante trânsito. É nessa perspectiva que nosso trabalho demonstra que a Literatura Asiático-Canadense se apropria das políticas de abertura às migrações, assim como dos espaços históricos de distinção étnicas para sobrepor os papéis de negociação quanto à história das denominadas minorias visíveis, principalmente em narrativas de autoria feminina, sua participação na construção do país e as negociações identitárias que perduram por gerações. Regidos, assim por trajetórias conflituosas, o recontar de memórias culturais de outrora repercutem nos escritos das gerações posteriores, cujo papel de ‘mediadores culturais’ se enfatiza a cada trânsito renovado.

No final do século XX, a literatura asiático-canadense começou a transformar as percepções eurocênicas mais antigas do Canadá. Os canadenses de ascendência europeia foram rápidos em controlar a significativa imigração asiática [...] assim as memórias de imigrantes asiáticos só surgiram, portanto, uma vez que os descendentes dos primeiros imigrantes foram capazes de tomar o seu lugar entre os outros canadenses. (EGAN & HELMS, 2005: 221)<sup>3</sup>

2 “these writers stress fluidity, mobility, and multiple passages rather than fixed and stable racial identities. Homes and selves are often many rather than one”.

3 “Towards the end of the twentieth century, Asian Canadian literature began to transform older Eurocentric perceptions of Canada. Canadians of European ancestry were quick to control the significant Asian immigration [...] Memoirs of Asian immigrants have only emerged, therefore, since the descendants of the earliest immigrants have been able to take their place among other Canadians”.

O contingente de narrativas asiático-canadenses em sua maior parte se integram à narração das experiências como forma de reorganizar, redefinir e reconfigurar os traços e demandas sociais e identitárias, não delegando uma marca de autenticidade, mas sim no intuito de se configurar dentro das malhas narrativas plurais e em corrente entrecruzamento da escrita ‘dominante’ uma posição crítica quanto aos efeitos de uma história repressora e de exclusão nas políticas nacionais. Desse modo, o romance de Gurjinder Basran, *Everything Was Good-Bye* (2010) tenciona as instabilidades e renegociações vivenciadas pela protagonista chamada Meena (Meninder). A narrativa, em primeira pessoa, nos introduz à pequena Índia erigida no subúrbio de Vancouver, conduzindo-nos através dos penetrantes aromas indianos e da dinâmica de suas tradições, às complexidades da vivência entre culturas. No decorrer do romance, identificamos Meena como sendo a filha mais jovem dentre seis irmãs, descendente de pais indianos. Nasceu na Inglaterra e migrou com a família para o Canadá ainda em tenra idade. Após o falecimento do pai, durante um acidente de trabalho, mudanças significativas na rotina da família passam a estabelecer ditames mais rígidos às mulheres. Ao longo da narrativa, Meena nos conta sua estória intercalando memórias ao tempo presente, descrevendo desde sua infância até a fase adulta.

Notoriamente vinculada as tradições da cultura indiana, tanto o comportamento quanto o futuro da protagonista entram em confronto e contestação dada a sua hibridez cultural. “Você perde tanto tempo nestes livros bobos que acabou esquecendo quem você é, Meena. Esse é o problema”. “Eu não esqueci quem sou. Esse é o problema.”<sup>4</sup> (BASRAN, 2010: 79). A jovem tem sonhos, que aos olhos de sua família são audaciosos demais para serem alcançados, segundo determina a tradição cultural, na qual a protagonista está inserida.

Ele enfiou a mão na areia e pegou um pedaço de papel que tinha caído do livro. “O que é isso?”

Tentei agarrá-lo. “Dê-me aqui”.

Ele o desdobrou e segurou fora do meu alcance, murmurando as palavras como que passando pelo conteúdo, anunciando os destaques. “Seu ensaio pessoal ‘Os que não têm’ ... foi premiado com o segundo lugar no concurso nossos jovens escritores do Canadá ... convidados a Toronto para aceitar seu prêmio uma bolsa de estudos ...

Eu o peguei de volta e amassei na minha bolsa junto com a revista.

“Qual é o problema? Isto é incrível. Por que você não está feliz com isso?”

4 ““You spend so much time writing in your silly books that you have forgotten who you are, Meena. That is the problem”. ‘I haven’t forgotten who I am. That’s the problem’”.

Eu balancei minha cabeça e levantei os dedos do pé na areia. “Porque a minha mãe não vai me deixar ir”.

“Por quê?”

“É complicado” [...]

“Porque Toronto é muito longe de casa e porque ela acha que escrever é um desperdício de tempo e quer que eu faça algo mais produtivo”. (BASRAN, 2010: 38-39)<sup>5</sup>

A protagonista da narrativa de Basran nos introduz aos processos de negociação entre línguas, modos de enxergar o mundo, tendências que se entrelaçam, a partir de seu cotidiano, bem como dos espaços e pessoas que a rodeiam. Segundo destaca Peter Stearns (2007: 186) esses elementos oriundos dos contatos culturais se tornaram importantes vetores das crescentes mudanças nas questões de gênero, “em primeiro lugar, os contatos internacionais se aceleraram e diversificaram. Em segundo lugar, alguns elementos novos e vitais foram introduzidos nas mensagens disponíveis a respeito dos papéis masculino e feminino”. A representação desses encontros culturais se dão entre os intensos aromas das especiarias da pequena Índia, agentes ratificadores de sua cultura ancestral e que estão presentes ao longo da narrativa, como observamos na seguinte passagem: “ao abrir a porta de trás, eu podia dizer que minha mãe tinha cozinhado. O aroma pungente das cebolas, da manteiga, e masala preenchia a escadaria e aderiu a minha pele.”<sup>6</sup> (BASRAN, 2010: 74). Em contra partida, a decoração de seu quarto é povoada por elementos da cultura de chegada, inserindo-se assim dentro da pequena Índia representada por sua casa como um sistema simbólico aberto de coexistências entre as culturas diferentes, “O que você está ouvindo?” “New Order”. Serena se levantou, andou pelo meu quarto analisando as paredes cobertas por pôsteres de revistas como *Rolling Stone*, *Vogue* e *Elle*. ‘Nossa! a mamãe nunca me deixou colocar nada disso no

meu quarto’”.<sup>7</sup> (BASRAN, 2010: 30). Nessa perspectiva, os contatos culturais com pessoas de outros grupos étnicos geram mudanças em Meena à medida que a narrativa se aproxima da fase adulta da protagonista e principalmente a partir do encontro com Liam, que se torna, ao nosso ver, uma espécie de catalisador das travessias e cruzamentos entre a tradição ancestral e os aspectos da cultura de chegada. Através destes contatos recorrentes com Liam, se intensifica também a vigilância da comunidade sobre Meena, “à medida em que eu caminhava para casa, eu me perguntava se alguma das tias me tinha visto sair da casa de Liam, e se o tinha, se elas iriam informar a minha mãe”.<sup>8</sup> (BASRAN, 2010: 48). Noticiadas assim à matrona da família, tais transposições sofrem intervenção por parte de sua mãe, que retoma a língua ancestral como forma de enfatizar e rememorar a tradição cultural de uma coletividade, na qual Meena estaria inserida. A representação e reavivamento dos costumes através da demanda pela língua Punjabi ocorrem, seguidamente, após os encontros com Liam (ou com a cultura de chegada) demonstrando a identidade fluida e em negociação da protagonista.

Relaxe, mamãe, ele é apenas um amigo. Fale Punjabi, Meena! Amigo shmend, ela zombou antes de recuar para Punjabi. Ele é um garoto, um garoto branco! O que as pessoas pensam quando vêem você andando com um menino? Eles vão pensar que ele é um namorado. A última coisa que você precisa é ferir sua reputação, prejudicar suas chances de fazer um bom casamento, ou pior, o de sua irmã. (BASRAN, 2010, p. 28).<sup>9</sup>

[...]

Mãe, eu apenas... “Apenas o que? Ela olhou com desgosto. Embora os óculos estivessem embaçados, eu podia ver seu olhar exagerado na parte ampliada da lente e me perguntava se ela sabia. Ela deveria saber. Fale Punjabi! Ela disse, enquanto batia a mão sobre o balcão. [...] Sem mais saídas. Sem ficar na escola até tarde, nada

5 He reached into the sand and picked up a piece of paper that had fallen out of the book. “What’s this?”

I tried to grab it. “Give it here”.

He unfolded it and held it out of reach, mumbling the words as he skimmed the contents, announcing the highlights. “Your personal essay ‘The Have Nots’...has been awarded second place in our Young Writers of Canada contest...invited to Toronto to accept your scholarship prize...”

I grabbed it from him and crumpled it into my bag with the journal.

“What’s the matter? This is amazing. Why aren’t you happy about it?”

I shook my head and pitched my toes in the sand. “Because my mom won’t let me go.

“Why?”

“It’s complicated” [...]

“Because Toronto is too far from home and because she thinks that writing is a waste of time and wants me to do something more *productive*”.

6 “When I opened the back door I could tell that my mother had been cooking. The pungent aroma of onions, butter and masala filled the stairwell and clung my skin”.

7 “What are you listening to?” “New Order”. Serena got up. Walking around my room, studying the walls covered in *Rolling Stone*, *Vogue* and *Elle* magazine covers. “Wow, Mom never let put anything like this in my room”.

8 “as I walked home I wondered if the aunties on the street had seen me leave Liam’s house, and if they did, whether they would report back my mother”.

9 “Relax, Mom, he’s just a friend. Speak in Punjabi, Meena! Friend shmend, she mocked before retreating to Punjabi. He is a boy, a white boy! What will people think when they see you walking with a boy? They will think that he is a boyfriend. The last thing you need is to hurt your reputation, hurt your chances of making a good match, or worse, your sister’s”.

de amigos. Não mais... Você entendeu? (BASRAN, 2010: 74)<sup>10</sup>

A princípio a protagonista de Basran se vê num dilema existencial, seguir os preceitos da tradição e conseqüentemente os anseios de sua mãe, conforme aderiu sua irmã Serena, ou romper com os laços familiares, escolha esta abraçada por sua irmã Harjinder (Harj). Serena “minha irmã mais velha, a mais esperta e casada”<sup>11</sup>(BASRAN, 2010: 29) representa o papel ideal dentro da coletividade da qual partilha a protagonista. Em contrapartida, sua irmã Harj ao sofrer a violência física por parte de um grupo de rapazes, é atingida pela violência social no interior de sua própria comunidade, “Harj, que estudou sociologia na universidade, uma vez me disse que éramos um alvo natural para os julgamentos: a família que fora ferida se torna presa fácil para uma comunidade muitas vezes ligado em si mesma” (BASRAN, 2010: 49)<sup>12</sup>, em decorrência desses acontecimentos, a jovem abandona o lar meses depois. Assim, as extremidades representadas pelas posições mantidas por suas irmãs só enfatiza a localização da protagonista: o entre lugar. Buscando assim equilibrar ambos os lados, Meena se mantém relutante, “às vezes eu só quero fugir, você sabe. Descobrir as coisas por conta própria” (BASRAN, 2010: 39)<sup>13</sup>, no entanto, sob pressão da mãe, a protagonista cede ao casamento arranjado e se une ao pretendente – Sunny. Durante o processo, a mesma deve assumir uma nova identidade, fato este iniciado pela mudança de seu nome para Surinder.

Uma vez eu me deparei com o nosso reflexo em uma vitrine ao mesmo tempo em que passávamos, eu a meio passo atrás do dele, minha mão na sua mão enquanto ele me apressava. Eu andei comigo mesma por meia quadra, olhando para a minha expressão vazia do mesmo modo como uma criança olha quando procura pelas fisionomias dos ancestrais em fotografias de família, desesperados por semelhança, reconhecimento e pertença. “Surinder”, eu lembrava a mim mesma, e atravessei a rua - deixando meu outro eu para trás, olhando para ela de uma distância segura (BASRAN, 2010: 114)<sup>14</sup>

Apesar da união com Sunny, o casamento se torna conflitivo e a protagonista passa a se apropriar da ausência do marido durante suas viagens para retornar a atividades simples, parte de seu eu de sempre: “sua ausência abriu-me espaço e ao longo da semana, eu espalhei-me mais e mais” (BASRAN, 2010: 150)<sup>15</sup>. Mais adiante, a narrativa promove o reencontro de Meena e Liam, durante uma exposição dedicada as fotos do mesmo, anos após ela ter se afastado completamente dele. Percebe-se, assim, o reatar das negociações no interior da protagonista de Basran através de seu relacionamento e ao mesmo tempo por sua transgressão aos aspectos tradicionais, pois a mesma passa a manter um relacionamento com Liam chegando a engravidar. Com a abertura desse viés dentro do qual as noções e limites sobre o sujeito se modificam, produzindo uma renegociação dos processos de representação, Meena se dispõe a renegociar sua posição, pois segundo assertiva de Elizabete Franco Cruz (1998: 246), “na medida em que ocorre a flexibilização de papéis por parte de um dos gêneros, pode haver reestruturação por parte daqueles que pertencem ao outro gênero, demandando não só uma renegociação de espaços de poder como também uma reorganização na identidade”. Sendo, então, o gênero e suas relações constituídas e constituintes das identidades dispostas através dos discursos, relações sociais e entrelaçamento com outras identidades que a protagonista de Basran não se reduz a apenas uma cultura ou a uma exclusiva organização social. Ao final do romance, ao adquirir “um teto todo seu”, a concepção de lar para Meena vai se estruturando como afirmação de sua posição; visível no momento em que a mesma, ao adquirir sua casa própria, caracterizada como “uma casa de artesanato com potencial” (BASRAN, 2010: 212)<sup>16</sup>, demonstra que Meena se torna artífice de sua condição. Articulado, dessa maneira, as relações de gênero a partir de identidades multifacetadas e constituintes da protagonista, o romance de Basran assim como a literatura que se diz feminina irá subverter papéis designados pela tradição patriarcal e choque cultural das diásporas contemporâneas, concedendo voz ao sujeito marginal, bem como dando visibilidade a novos conceitos e reformulando ou abalando estereótipos.

10 “Mom, I just ...” Just what? She looked up in disgust. Although her glasses were foggy, I could see her exaggerated stare in the magnified portion of the lens and I wondered if she knew. She must have. Speak in Punjabi! She said, slamming her hand on the counter. [...] No more going out. No staying at school late, no friends. No more...you understand?”.

11 “my oldest, smartest, married sister”.

12 “Harj, who had studied sociology in university, once told me that we were a natural target for judgments: a family already wounded was easy prey for a community that often turned on itself”.

13 “Sometimes I just want to run away, you know. Figure things out on my own”.

14 Once I caught our reflection in a shop window as we walked by, my stride half a step behind his, my hand in his hand as he hurried me

along. I walked beside myself for a half a block, staring at my vacant expression the way a child might search the ancestral faces in family photographs, desperate for similarity, recognition and belonging. “Surinder”, I’d remind myself, and crossed the street – leaving my other self behind, looking at her from a safe distance”.

15 “his absence made room for me and as the week progressed, I spread myself out more and more”.

16 “a Craftsman house with ‘potential’”.

## Referências

BASRAN, Gurjinder. (2010). *Everything Was Good-Bye*. British Columbia: Mother Tongue Publishing.

BAUMAN, Zygmunt. (2007). *Tempos líquidos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.

CRUZ, Elizabete Franco. (1998). Quem leva o nenê e a bolsa? O masculino na creche. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benedito. *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Ed. 34.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (1990). *História das mulheres: a antiguidade*. Porto: Afrontamento.

FUNCK, Susana Bornéo (Org.). (1994) *Trocando ideias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

LAURETIS, Teresa de. (1994). *A tecnologia do gênero*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

STEARNS, Peter N. (2007). *História das relações de gênero*. Tradução Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto.

TOURAINÉ, Alain. (2007). *O mundo das mulheres*. Tradução Francisco Morás. Rio de Janeiro: Vozes.